

28 de janeiro-26 de março 2022, Um Jogo de Parcerias na apanha da pera: **Um dos sumos sabe a merda!**

Andei a trabalhar no verão na apanha da pera. Fui trabalhar para a pera por causa do um namorado que tinha na altura. Nós queríamos ir de férias e precisávamos de dinheiro. Não chegámos a ir de férias, porque acabámos tudo no final da apanha da pera. O meu namorado conhecia o dono da plantação e era por isso o meu namorado o responsável para fazer as listas das pessoas que iam para apanha da pera. Íamos num autocarro para lá. Ao mesmo tempo que apanhávamos o autocarro, outros trabalhadores noutras plantações iam em condições mais precárias. Confortável nos bancos do autocarro de mãos dadas às escondidas com o meu namorado via os mouros, os indianos, os bengalis e os ucranianos a irem em carrinhas de caixa aberta todos enfiados uns em cima dos outros, sem encostos, sem nada, sem segurança, numa viagem cansativa de madrugada de trabalho que se corresse mal, provavelmente seriam projetados num acidente ou machucados dentro da carrinha.

Eu ia feliz com o meu namorado da altura. Estava no trabalho por causa dele, por causa de nós. Foram só duas semanas que nos iam dar 140€ a cada um. Era para irmos de férias. Não me lembro bem, mas acho que era 10€ por dia que ganhávamos. Não me lembro bem das horas, mas tínhamos de apanhar o autocarro às 7h junto ao Tanque do Salgueiro Maia. Ouvia comentários no autocarro, que às vezes, ou outros trabalhadores já tinham partido às 6 da manhã. Não me lembro a que horas saímos do trabalho, mas chegávamos ao Tanque do Salgueiro Maia às 18h? Às 19h? Tínhamos uma pausa de meia hora ou de quinze minutos para almoçarmos? Ou tínhamos duas pausas de 15 minutos uma a meio da manhã e outra para almoçar? Mas para nós estávamos fixes. Estávamos ali na boa, entre amigos, a falar e a cantar às escondidas do patrão e tal, mas divertíamos-nos. Éramos mais putos. Estávamos lá só pela diversão. Mas havia quem lá estivesse, porque precisava mesmo do dinheiro. Nós estávamos todos lá uma semanita só para ganhar dinheiro para o verão. Mas havia quem estivesse lá a trabalhar o ano todo. Levei para “o estágio da apanha da pera” as minhas botas de biqueira de aço que usava para o estágio na Estação de Tratamento de Águas Residuais. Chegava com “as mesmas botas enlameadas” e com o mesmo cheiro a merda, mas nem por isso os cheiros impediam de me descalçar com o meu namorado e começarmos logo aos beijos nas cavalariças quando chegávamos a casa, na minha fantasia. Na minha fantasia, porque assim que chegávamos ao Tanque de Guerra, nós separávamo-nos. O nosso namoro parecia que não passava de dar as mãos no autocarro na viagem do trabalho.

Se não trabalhássemos bem éramos despedidos. Havia os que ficavam com o escadote que ganhavam mais 1 € e depois os que ficavam em baixo com os baldes a apanhar as peras. Lembro-me de uma manhã em que tínhamos de formar triângulos. 2 nos baldes e 1 para o escadote. Quem não formasse um triângulo, ia-se logo embora. No final do dia, ouvíamos o patrão a chamar-nos. Se recebêssemos o dinheiro, queria dizer que tínhamos sido despedidos. Fiquei uma vez no escadote e vi que se eu caísse do escadote não haveria seguro de trabalho, porque nem sequer havia contrato de trabalho. Fiquei só um dia no escadote. Achei perigoso. Fiquei no dia em que o pai do Valter, que era o nosso patrão, apareceu com a bengala a bater em todos os que estavam em baixo com os baldes a dizer para trabalharem mais rápido. O pessoal todo ria-se e não ligava muito, porque era um “velhote” e estávamos ali mais pela diversão. Não dependíamos daquilo. Se fôssemos embora, íamos. Fiz lá duas grandes amigas. Uma bióloga e uma médica. Foi o meu ex-

-namorado que me ligou a elas. Se não fosse ele eu não as tinha conhecido. Foi ele que “estabeleceu” a ligação. Isto porque num dos dias depois do trabalho o meu namorado organizou um jantar e foi aí onde eu me liguei a elas e depois na pera comecei a estar mais com elas depois do jantar. Nós acabámos depois do trabalho da pera. Perdi um namorado, mas ganhei duas amigas para a vida. A vida Misteriosa tem destas coisas sagradas...

Uma vez, ouvimos o Valter a berrar para um trabalhador que trabalhava o ano inteiro. Gritou-lhe aos ouvidos para ele apanhar mais rápido as peras, porque senão ele era despedido e se ele fosse despedido a namorada dele largava-o. Foi horrível de ouvirmos isto. Ele disse isto aos berros. Ninguém disse nada, incluindo eu. Achei-me inútil. Apetecia-me morrer. Achei-me incapacitado para dizer uma palavra. Senti-me a pior pessoa do mundo por não ter conseguido fazer nada! Não era eu! Eu não sou esta pessoa! Bloqueei num momento importante eu que eu devia ter interrompido a cena! Nós não podemos ter medo dos patrões de merda, dos patrões sujos, dos patrões de merda! Temos de saber escarrar-lhe em cima! Não podemos de ter medo de perder o emprego e baixar a cabeça! Temos de nos virar, quando nos falam mal sem Direito nenhum! Porque nós viramos, nós viramo-nos sempre e viramos demónios sempre em legítima defesa contra os demónios que nem sequer são demónios a sério! Lembro-me que uma vez começou a chover e o Valter apareceu com um sino para nós irmos todos ordeiramente para dentro de uma casa de pedra em ruínas. Mas eu saí, porque vi o meu namorado na boa a falar com o Valter e fui ter com eles. Ali num pequenino triângulo o patrão parecia “outra pessoa”. O problema dele, era que o gado se constipasse. Vi ali naquele pequenino triângulo como eu tinha saído do rebanho, porque uma Inês tinha olhado para nós e disse que nós parecíamos escravos e ainda por cima todos dentro daquela minúscula casa de pedra que parecíamos mesmo carneiros. A Inês pediu para que um de nós fosse falar com o pastor, para irmos para casa, mas com o dia ganho. E eu fui.

Comecei a ouvir conversas que as peras que estávamos a apanhar seguiam 3 destinos: ou iam para o Brasil, ou iam para a fábrica da Compal, ou iam para o supermercado do Jumbo e do Auchan. Fiquei indignado e confuso, porque as referências que eu tinha da marca Compal supostamente eram boas, supostamente são boas... Perguntei para mim próprio se a Compal quando recebia as peras do campos do senhor Valter se sabia que o senhor Valter falava mal com os seus trabalhadores, despedia-os se não trabalhassem “hardcore” e praticava uma sutil escravatura. Fiz a analogia com tudo. Fiz a analogia com o café e com o cacau e pensei que se eu fosse a Compal ou o Jumbo eu só aceitava as frutas, os vegetais, os chocolates, os chás ou cafés se eu fosse lá com os meus próprios olhos ver!!!

Era novo e imaginei um drone. Ninguém falava de drones ainda. Mas eu imaginei um drone da Compal ou um drone do Jumbo que com poderosos algoritmos de reconhecimento facial conseguiam medir a “felicidade”, o cansaço e produtividade do trabalhador... Como é lógico que vi com o meu cérebro um filme de terror a passar na minha mente. O “bruxo” do meu ex-namorado chegou-se perto de mim e perguntou-me nesse mesmo compasso de tempo se eu estava cansado. Eu disse que não. Ele estava do outro lado. Ele disse-me que sabia que eu estava cansado, que estava só a disfarçar, porque tinha medido o meu cansaço com um “segredo drone” que tinha posto sobre mim. Fiquei um pouco assustado com a precisão e ligação do pensamento. Nunca tínhamos falado sobre isto. Mas eu já escrevia sobre isto nos meus cadernos. Nunca o tinha visto de volta dos meus cadernos, até porque eu escondia-os... Eu não lhe mostrei a minha escrita nem os meus cadernos. Tinha os cadernos escondidos debaixo da cama. A não ser que ele fosse um morcego e durante a noite tivesse com uma lanterna visto a minha escrita às escondidas. Não fazia sentido. E ninguém

à minha volta falava sobre o assunto nem eu falava sobre drones ainda com ninguém. Eu tinha 24 anos e ele 19... Foi há 5 anos... Achei que estivesse num secreto filme dos diabos... Alguém passou um boné ao meu namorado. Era um boné da Compal. Ele meteu o boné, olhou para mim e foi para o outro lado. Fiquei com o filme na cabeça. Eu não queria este filme. Não queria drones dos produtores ou dos supermercados ou das grandes marcas e empresas a monitorizarem a colheita das plantações ou a “felicidade” e desempenho dos trabalhadores, num investimento dos diabos de drones dos diabos financiado por um banco dos diabos. Este seria sempre o pior filme das nossas vidas. Seria o filme que diz que estamos dentro de um filme sem um Direito a sério. Seríamos carneiros com chips e óculos de VHR.

Quem esteve na apanha das peras, é como se estivesse na apanha das laranjas. Quem apanhou peras, é como se tivesse apanhado laranjas ou limões.

Estava em Mata-Lobos cercado pelos laranjais dos Algarves com um novo namorado. Já não estou. Mata-Lobos matou-nos o namoro. Mata-Lobos deu cabo do nosso namoro. Não fomos nós que o matámos. Foi Mata-Lobos! Voltei a lembrar-me de tudo, em breves segundos, como foi na apanha da pera, quando vi uma fotografia numa embalagem da Compal dos trabalhadores da terra todos a sorrirem... Vi que se o Valter tivesse aparecido com uma grande máquina fotográfica ou com um drone e nos “mandasse” sorrir como mandam (?) sorrir os supermercados Pingo Doce e Modelo e Continente aos seus colaboradores na Peixaria e no Talho e depois os expõe em grandes cartazes como se pagassem ordenados de felicidade ou como se fosse uma realizadora ou uma agência de modelos legal, talvez eu feito parvo sorriria se o meu namorado viesse por trás e me agarrasse e me mandasse sorrir com os meus novos amigos carneiros. Foi o que eu vi e foi o que eu escrevi só por causa de uma fotografia que vi no Compal de sumo de limão de Edição Limitada. Também sou uma Edição Limitada. Editei a minha escrita. Editei o filme.

A minha escrita é um sumo de limão. Sou só “o limoeiro” que levou pancadas e que ficou stressado e começou a produzir limões como mecanismo de defesa. Toda a minha escrita em stress, não passa de um sofisticado mecanismo de defesa. É a minha engenharia de palavras. Mas prefiro ser engenheiro num filme mais tranquilo. Também sei dar limões sem levar pancadas. Aliás, o meu sumo é muito mais doce quando não levo pancadas. Quando levo pancadas, o meu sumo não presta. Fica amargo. Fica com um sabor a merda. Mas há quem goste do sabor amargo. Há quem goste do sabor a merda. Puseram-me num filme de merda a inventar e a arranjar uma sofisticada Internet das Coisas... Querem meter uma Internet na agricultura. Os bancos estão a financiar uma Nova Agricultura de Precisão Com Drones e Com Bué Radiações... Quem vai sofrer com as radiações são os nossos estômagos e os nossos intestinos com um cancro dos diabos. Os cancros dos estômagos e dos intestinos costumam ser fatais, mesmo com uma Medicina de Precisão. Chamaram-me para este filme “de merda” para arranjar aqui uma Internet das Coisas... Mas este filme stressa-me... A minha escrita com tanta radiação fica uma merda, porque o meu cérebro já é por natureza super tecnológico. Os meus olhos então, também são super tecnológicos, mas não gosto de ficar sozinho no filme a arranjar todas estas internets com a minha escrita que me stressam. Fico mesmo stressado. Destesto stressar. Gosto de andar nas calmas... Gosto de trabalhar nas calmas. Estou capaz de voltar para os campos para voltar a apanhar as peras, as laranjas e os limões... Mas quero fazê-lo nas calmas...

Não quero sair cansado do filme da vida real e sentir-me todos os dias um escravo sem um ordenado de felicidade que nem sequer me deixa ver o dia, nem sequer me deixa

respirar um bocadinho e ver como é mágica, sagrada e misteriosa a Vida... Sou franco, preferia arranjar a Internet das Coisas da minha escrita num sítio mais tranquilo...

Não sei se os limoeiros que deram o amargo ou doce sumo de limão da Compal levaram ou não pancada. Mas acho muito bem que tenham levado pancadas! Também as levei e não chorei. Se eu não choro, um limoeiro também não pode chorar. O limoeiro tem de dar limões. Se para dar limões tem de levar pancadas, temos de dar pancadas aos limoeiros. Não podemos é dar pancadas a quem apanha limões e aos “limoeiros” humanos. Nós, “limoeiros” humanos damos limões sem levar pancada. Não precisamos de levar pancadas. Os limoeiros é que precisam. Não somos nós. Nem são as outras árvores. São só os limoeiros...

Quem nos deixou o sumo de limão foi uma nossa amiga que tinha comprado para o jantar e deixou lá em casa... Ainda não tinha provado o sumo... Não sabia se era doce ou amargo. Mas pela fotografia, parecia doce... Que engraçado...! Um sumo de limão doce...?

Vi o D.K. a espremer um limão e a encher um copo. Depois espremeu uma laranja e encheu outro copo. Disse que apanhou o limão dos nossos limoeiros e que a laranja era do saco de laranjas que o nosso senhorio nos tinha trazido no trator. O nosso senhorio apareceu de trator para nos deixar um saco de laranjas. Estávamos cercados de laranjais, mas os laranjais não estavam incluídos no preço da renda. Só estavam incluídos no preço da renda os limoeiros e os sacos cheios de laranjas. O D.K. perguntou-me se eu queria ficar com a limonada ou com a laranjada. Por ser um romance de Edição Limitada, abri primeiro o sumo de limão da Compal de Edição Limitada e provei. Provei depois a limonada do D.K.. Peguei na embalagem de sumo de laranja do Auchan, agitei e vi que só tinha mesmo mais um restinho e bebi por isso pelo gargalo, para acabar com o sumo. Peguei depois no sumo de laranja da Compal e vi que também só tinha um restinho e bebi pelo gargalo. Provei depois a laranjada do [já não] meu D.K. A andar para o lixo, com as embalagens de sumo vazias, disse-lhe que ficava com a laranjada. Deitei as embalagens de sumo de laranja no lixo e disse: **“Um deles, sabe a merda!”**.

O D.K. perguntou: **“Da grossa, baby?”**.

E eu respondi: **“Da grossa, mesmo!”**

28 de janeiro de 2022 Raul Catulo Moraes © Todos os direitos reservados in Centro Ético de Negócios e Parcerias Sustentáveis Para o Futuro – Jupiter Editions ® - Publicado in Film-Documentary 66mins e 6 secs in *Illuminnatti Games* in Jupiter Editions em 28 de janeiro de 2022 reeditado e publicado em 26 de março de 2022 in Kanal Jupiter, Masons Diary e Centro Ético de Negócios e Parcerias Sustentáveis para o Futuro – Jupiter Editions ® **A Magia dos Algoritmos e o Chip Invisível Cerebral like an**

ALIEN MOVIE WROTE IN MASONS DIARY

www.jupitereditions.com

